

# Fazemos, fazemos, fazemos e não sabemos porque: as práticas de catalogação clamam por uma reavaliação\*

HERB WHITE

Necessidade de reavaliação das práticas catalográficas quando do desenvolvimento de sistemas automatizados de catalogação. Carência de pesquisas sobre essas práticas e de interesse ou disponibilidade dos bibliotecários para refletir sobre o que fazem na área do processamento técnico, especialmente.

Pouco antes de sua morte em 1965, Mortimer Taube, o grande bibliotecário, pioneiro, inovador, filósofo e empresário americano externou-me sua preocupação quanto ao fato de que a proposta de mecanização do processo de catalogação, então em estudo pela **Library of Congress** (LC), resultasse em uma oportunidade desperdiçada. Taube entendia que muitos dos procedimentos usados na catalogação descritiva e na análise de conteúdo resultavam de realidades políticas e econômicas, concernentes ao catálogo em fichas 7,5 x 12 cm. A utili-

---

\* Traduzido pela Prof.<sup>a</sup> Maria Cristina Ferreira Pinto de: White, Herb. We do, do, do and don't know why; cataloging practices cry out for re-examination. *American Libraries*, v. 12, n. 6, p. 317-8, June 1981.

zação do computador, segundo ele, deveria permitir examinar e desafiar esses procedimentos.

Por exemplo, uma das razões óbvias pelas quais a catalogação de assunto é realizada de uma maneira bastante superficial, se comparada ao processo de indexação, é que o número de fichas de assunto que desejamos e somos capazes de arquivar num catálogo é limitado. As buscas no computador, não impõem tais limites e Taube se preocupava com a nossa incapacidade de visualizar essas novas oportunidades. Temia, particularmente, que a mecanização da catalogação se limitasse exclusivamente à conversão das regras de catalogação para a máquina — uma tática que ele considerava possível, porém desperdiçada. Os leitores terão de decidir por si próprios até que ponto os receios de Taube tornaram-se realidade.

De 1965 até hoje tem havido muitas pesquisas sobre métodos de descrição e recuperação. Essas pesquisas têm se concentrado quase que exclusivamente na recuperação por assunto. Muito do trabalho tem sido feito não por bibliotecários, mas por especialistas em lingüística, lógica, ciência da computação e em várias outras disciplinas. A maioria das pesquisas foram relatadas na literatura tradicional de biblioteconomia.

Muitos pesquisadores sérios dedicaram-se a questões na área de indexação, classificação e recuperação. As pesquisas estendem-se desde o projeto **Cranfield** de **Cyril Cleverdon**,<sup>1</sup> na década de 60, aos trabalhos de Gerald Salton, Karen Spark-Jones e tantos outros, numerosos demais para serem mencionados, até o trabalho teórico de Ingetraut Dahlberg no **West German Gesellschaft für Klassifikation**, em Frankfurt. O trabalho do **West German** está ligado ao Comitê de Estudos em Pesquisa Classificação da FID.

O estado atual da pesquisa na área foi muito bem resumido e documentado num artigo recente de Elaine Svenonius,<sup>2</sup> no **Library Resources and Technical Services**. Svenonius, que é bibliotecária e professora de escola de biblioteconomia, aponta para novas direções de pesquisa necessárias, num periódico que provavelmente seja mais lido pelos bibliotecários do que a literatura sobre ciência da informação e computação, na qual muitos desses trabalhos estão relatados.

### **A pesquisa está esquecida pelos bibliotecários?**

Embora estas pesquisas sejam muito bem vindas, é curioso observar a ênfase que é dada a elas pelos bibliotecários. Os bibliotecários gastam a maior parte do seu tempo, energia e recursos na descrição bibliográfica, comparativamente ao tempo gasto na análise de conteúdo, isto sem mencionar a investigação do significado ou importância desses conteúdos. Pode-se afirmar, seguramente, que pesquisas sobre o PRECIS, o **Broad System Ordering** (BSO) e sobre classificação automatizada não tiveram o verdadeiro impacto nas tarefas desempenhadas pelos bibliotecários, exceto talvez em coleções pequenas e especializadas. Pode-se indagar se os indivíduos preocupados com o trabalho de análise de livros em bibliotecas americanas se dão ao trabalho de ler os resultados de pesquisa nesse campo.

Isto não quer dizer que não tem havido discussões sobre regras e práticas de catalogação. Pude observar que elas têm continuado sem interrupção pelo menos desde que eu me graduei em biblioteconomia, há quase 30 anos. No entanto, essas discussões não têm quase nunca se fundamentado em pesquisas, nem têm se articulado ou mapeado pesquisas adicionais nas quais se basear para tomada de decisões num nível operacional.

Esta falha é particularmente aparente, quando constatamos que praticamente toda a pesquisa na área de análise, refere-se a estudos sobre acesso por assunto, enquanto que a maior parte do tempo, energia e dinheiro nas bibliotecas americanas, especialmente nas universitárias, é gasto em análise bibliográfica. Tivemos a oportunidade de reexaminar as premissas dos nossos procedimentos de catalogação descritiva. Como Taube previu, o computador forneceu-nos um poderoso instrumento de análise, não somente porque é um calculador de dados estatísticos muito rápido, mas também porque nos fornece um registro ininterrupto e contínuo do que estamos fazendo. Como profissão, estivemos estranhamente desinteressados em examinar e, talvez, em reavaliar nossas premissas. Pode-se conjecturar por que isto é verdadeiro: é uma constatação na área da administração geral que a sensibilização para mudanças fundamentais ocorre lentamente quando o processo é controlado por indivíduos envolvidos em práticas detalhadas. Esses indivíduos normalmente encaram até mesmo sugestões de mudanças ou aprimoramento como ameaças ou acusações.

### **As mudanças são altamente políticas**

Phyllis Richmond, professora na **Case Western Reserve University**, defendeu eloquentemente o incremento de pesquisas sobre as práticas catalográficas, especialmente através do uso e análise da informação em forma mecanicamente legível. Richmond identificou doze oportunidades e problemas de pesquisas específicas na área, num artigo publicado em 1976.<sup>3</sup> Mesmo considerando estranho sugerir-se a leitura de um artigo publicado há cinco anos como nova, ficou evidente que os profissionais não deram muita atenção a este artigo, a se julgar pela parcimônia de citações deste trabalho no **Social Sciences**

**Citation Index.** Richmond sugere uma série de pontos a serem estudados. Argumenta que as discussões referentes a mudanças nas regras catalográficas foram altamente políticas na sua natureza e se basearam em consenso e não em dados. Duas conseqüências funestas das decisões baseadas em consenso são que, na realidade, ninguém fica feliz com elas e as pressões para mudança tornam-se infundáveis à medida que o consenso muda.

Richmond mostra, ainda, várias outras áreas nas quais pesquisas sobre bases de dados seriam úteis. Argumenta que muitas das complexas regras de catalogação abrangem situações que quase nunca ocorrem. Também afirma que expressões usadas nas regras tais como "mais conhecido" e "mais adequado" levam inevitavelmente a diferenças de interpretação das mesmas. Estas diferenças minam a aceitação da catalogação de uma instituição por outra e destroem a base para o compartilhamento de recursos. A análise de computador, para determinar o que pretendíamos dizer e o que na realidade executávamos ao interpretar tais expressões abertas, pode nos levar a regras mais claras e específicas. O trabalho de Richmond merece ser relido, ou como eu suspeito, ser lido por muitos.

É ao mesmo tempo, estranho e laborioso que uma área na qual despendemos tanto tempo e esforço gere tão pouca pesquisa especificamente aplicável e que haja tão pouco interesse por parte dos bibliotecários em se realizar e testar tais pesquisas. Um estudo recente sobre doutorados na área de biblioteconomia<sup>4</sup> relatou que menos de 23% das teses resultaram de pesquisas experimentais na área, e poucas concentraram-se no processamento técnico. É ainda mais desconcertante observar que os profissionais parecem estar tão ocupados fazendo o que fazem, que têm pouco tempo para pensar sobre

o por quê o fazem. Este fenômeno existe em todas as áreas da nossa profissão, mas é particularmente aparente no processamento técnico.

Para examinar como deveríamos catalogar, temos de voltar ao por quê catalogarmos e a real importância das práticas detalhadas e minuciosas. Presumivelmente, analisamos considerando uma expectativa de uso, mas nos faltam estudos sobre que usos são esses e o que os usuários preferem. Pode-se certamente defender a pesquisa bibliográfica como legítima. Essa disciplina poderia ser justificada e defendida dentro da comunidade acadêmica. Os recursos para esse tipo de trabalho tão amplo deveriam ficar a cargo do orçamento de pesquisa da universidade e não do orçamento da biblioteca.

### **Orçamento força uma visão mais ampla**

A medida que as bibliotecas encaram a realidade da carência orçamentária, devem e fazem escolhas difíceis entre alternativas atraentes. Questões sobre o nível e a extensão da análise bibliográfica e o custo despendido ou economizado na aceitação de maiores ou menores níveis de detalhamento tornam-se fatores a serem considerados na política administrativa da biblioteca como um todo. Não são apenas decisões dos especialistas de processamento técnico. As decisões perfeitas só têm significado quando se têm orçamentos perfeitos. Não contávamos com isso há bastante tempo. Suponho que é possível abordar essa questão, exemplificando a maneira como um administrador de bibliotecas apresentou para uma classe de estudantes de biblioteconomia, o fato de que sua biblioteca, ao implementar a rede OCLC há quatro anos atrás, havia economizado 20% do orçamento da catalogação, porque ele havia previsto que isso iria acontecer. Espero que existam meios mais eficientes para isso.

Uma das técnicas padrão para avaliar a importância de uma função em termos da administração de cargos e salários consiste no fator do "impacto de erro". Se uma pessoa, no seu trabalho comete um erro, quão desastrosas serão as conseqüências? Talvez seja o momento de examinar o impacto do erro nas decisões de como e onde despendemos nosso dinheiro, particularmente o que devemos fazer de maneira isolada, o que conseguiremos trabalhando em base cooperativa e o que podemos prosseguir fazendo de uma maneira geral. Poderemos inclusive detectar algumas coisas que deveriam estar sendo feitas, mas que na realidade não estão. Existem uma série de instrumentos que podem nos ajudar. Genuínos estudos de **necessidades** de usuários, diferentemente de pesquisas de opinião de usuários, podem certamente ajudar. Também podem ajudar alguns estudos analíticos da prática catalográfica feitos por computador, como sugeridos por Phyllis Richmond.

**We do, do, do and don't know why: cataloging practices cry out for re-examination)**

**Cataloging practices claim for a reexamination so that effective cataloging automated systems can be developed. Lack of research focusing on these practices as well as lack of interest or willingness of librarians to reflect on what they do, specially in the technical processing area.**

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

1. CLEVERDON, Cyril W. **Report on the testing and analysis of an investigation into the comparative efficiency of indexing systems.** Cranfield: ASLIB Cranfield Research Project, 1962.

2. SVENONIUS, Elaine. Directions for research in indexing, classification, and cataloging. **Library Resources and Technical Services**, v. 25, p. 88-103, Jan./March 1981.
3. RICHMOND, Phyllis A. Research possibilities in the machine-readable catalog; use of the catalog to study itself. **Journal of Academic Librarianship**, v. 2, p. Nov. 1976.
4. WHITE, Herb S., MOMENEE, Waren. Impact of the increase in library doctorates. **College and Research Libraries**, v. 39, p. 207-14, May 1978.